

A CULTURA MÓRMON

Nádia Fernanda Maia de AMORIM

1. A Doutrina Mórmon: Resumo

1.1. Fundamentos

(...) a Igreja restaurada de Jesus Cristo está edificada sobre a rocha da revelação.

A revelação. A revelação continua é, na verdade, o próprio sangue vital do Evangelho do Senhor e Salvador Vivente Jesus Cristo.

Não aceitamos a teoria dos pretensos mestres do cristianismo, de que o Velho Testamento constitui a totalidade das palavras dos Profetas de Deus; *também pouco cremos* que o Novo Testamento seja o fim da revelação. *Testificamos que, muito pelo contrário, as revelações de Deus continuam a fluir* para o benefício e bem-estar do homem.

Nos primeiros anos de sua *nova dispensação*, o Senhor instituiu sua divina *Lei de sucessão*: os profetas seguiram-se um ano ao outro e continuarão a fazê-lo numa *sucessão infinita, divinamente estabelecida* e os segredos do Senhor serão *revelados sem medida*.

(...) desde o *Profeta da Restauração até o Profeta atual, a linha de comunicação se mantém ininterrupta*, a autoridade é incessante... (1) (G.N.).

O texto transcrito, extrato do discurso proferido por Spencer W. Kimball, na cidade de Salt Lake, Utah, Estados Unidos, em abril de 1977, por ocasião da 14ª Conferência Anual da Igreja, da qual é o atual presidente, exprime os fundamentos sobre os quais foi organizada a Igreja Mórmon: a revelação, o espírito da profecia, o sacerdócio.

Organizada sobre o fundamento da *revelação contemporânea e contínua*, afirmando que "O Espírito de inspiração, o dom da revelação não pertencem a apenas um homem, não é um dom que seja direito exclusivo da presidência da Igreja e dos Doze Apóstolos, não está restrito às autoridades presidentes, mas pertence a cada um dos membros" (2), não se coloca a Igreja diante de um impasse? Como resolvê-lo? Como resolver a contradição contida na afirmativa de que o "dom da revelação é direito e privilégio de todo o membro mas que a somente um é dado receber revelações para a Igreja" (3)? A distinção entre *inspiração* e *revelação* surge como elemento de conciliação, significando, a primeira, influência direta do Espírito, manifestações para o indivíduo, diretrizes para a sua vida mas não para a Igreja; significando a segunda um chamado divino, uma *preordenação* desde a *preexistência* (4), uma comunicação direta da vontade de Deus ao homem, uma capacidade de predizer.

Contudo, a solução para o problema é encontrada ao nível dos membros como um todo. Mas, permanece o mesmo, ao nível dos portadores do sacerdócio, considerando todos eles possuidores do espírito de revelação. Novamente uma distinção se transforma numa justificação que visa o impedimento de cisões e centraliza organização em torno do Presidente/Profeta. Assim é que o *ser portador do sacerdócio* não equivale ao *ser detentor das chaves do sacerdócio*. O primeiro restringe-se à autoridade para agir em nome de Deus. O segundo implica também a supervisão das atividades desenvolvidas pelo primeiro. Implica não apenas *possuir*, mas *deter* o poder do sacerdócio.

Na prática religiosa, na medida em que o *Presidente da Igreja* acumula as funções de *Presidente do Sumo Sacerdócio* na condição de *Vidente, Revelador, Tradutor e Profeta*, rompe-se a possibilidade de contenda e cisões. Sacerdotes e Profetas incorporando-se mutuamente, integram-se, com vis'as à preservação de posições adquiridas. Ao mesmo tempo, atribuindo-se à sucessão e à autoridade a propriedade de divinamente estabelecidas, justifica-se a existência de uma lide-

rança autoritária, porque inatacável e inquestionável, dado o “discernimento”, “inspiração” e “espírito de revelação” que paira sobre a mesma, legitimando-a e dando-lhe continuidade. (5)

Entretanto, o elo estabelecido entre o sacerdócio e o direito ao governo da Igreja não exclui “o consentimento dos membros” para o acesso aos cargos e funções, em virtude de o “Livre Arbítrio” ser um princípio fundamental do mormonismo. Assim, a “Lei do Comum Acordo” (6) rege a sucessão, sem interferir no poder dirigente, vez que este detentor absoluto das prerrogativas do sacerdócio, manipula e estabelece as bases emocionais das decisões dos adeptos. Decisões que atingem níveis de “subordinação disciplinada” (7) porque encaixada numa organização caracterizada pelo apego a “atribuições oficiais fixas.” (8)

Por morte do Presidente, reúnem-se os “Doze” (9), carismaticamente qualificados, oram e esperam que o Senhor os inspire quanto à escolha do substituto que dentre eles será o indicado. Recebida a “inspiração”, é comunicada aos membros com vistas ao apoio e voto. (10) O caráter inquestionável da mesma, dado o nível de indiscutibilidade da “revelação”, suprime a possibilidade de desacordo na questão da sucessão. De Joseph Smith e Spencer W. Kimball, atual presidente, tal tem sido o mecanismo utilizado para prová-la.

1.2. *Cosmovisão*

A cosmovisão dos Santos dos Últimos Dias comporta vários matizes de glória, (11) explicados a partir de passagens do Novo Testamento:

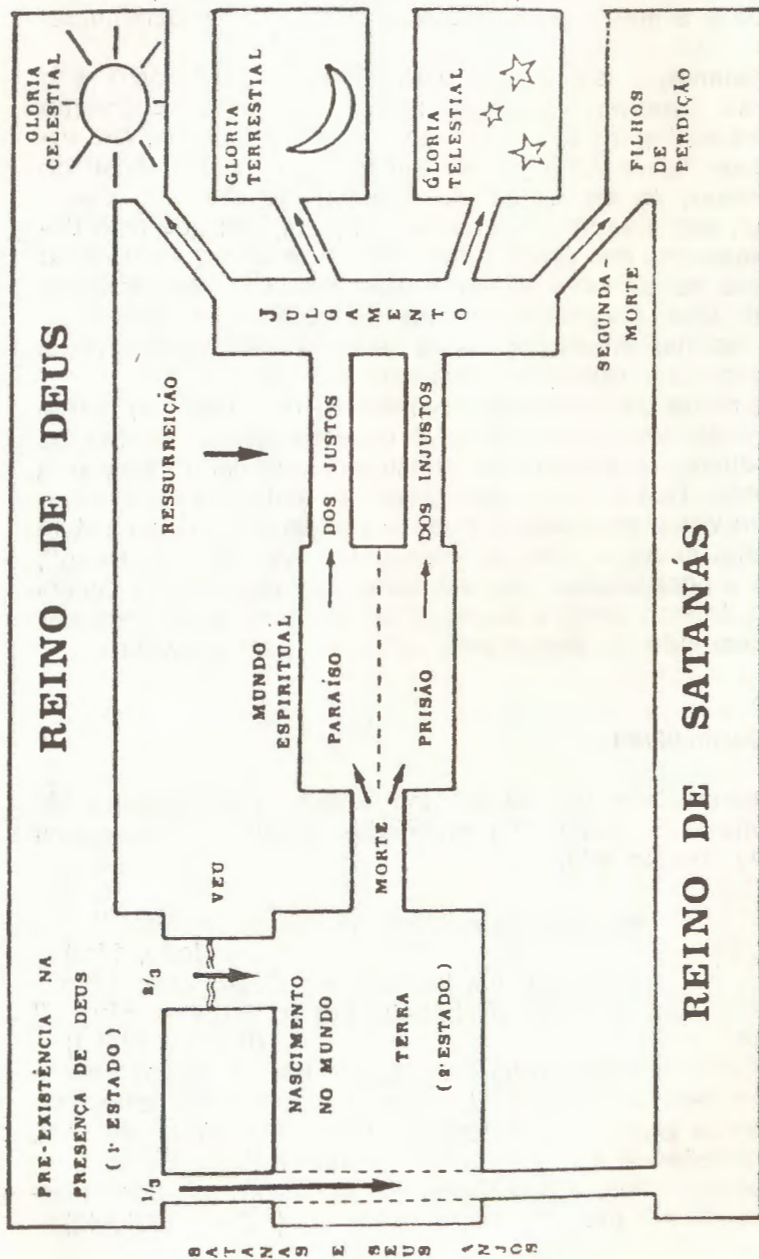
“Na casa de meu pai há muitas moradas.”
(João, 14:2)

“Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu...”
(II Cor. 12:2-4)

“Também há corpos celestiais e corpos terrestres; e sem dúvida uma é a glória dos celestiais e outra dos terrestres. Uma é a glória do sol, outra é a glória da lua, e outra a das estrelas...”

Pois assim também é a ressurreição dos mortos...”
(I Cor. 15:40-42)

O PLANO DE SALVAÇÃO



(VEJA D&C SEÇÃO 76, MOISES 6:52, 88 F.G.V.)

FONTE

PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO para alunos, pag 14

Os vários *graus de glória* — Telestial, Terrestial e Celestial — correspondem à Salvação que o homem adquire ao superar o pecado pela fé e pelas obras. Não é um fim, mas um processo, vez que nunca o homem cessará de ganhar conhecimento. Os graus de glória representam as variações na recompensa dada aos homens, mediante seus esforços de aprimoramento no seu *segundo* estado de existência, ou seja, no *estado mortal*. Assim, a glória celestial é reservada aos “exaltados” cujos corpos são celestiais, “cuja glória é a do sol, a glória de Deus” (D. e C. 76:70) e que, habitando com Deus, vivendo “o tipo de vida que Deus vive”, geram filhos espirituais, possuem todo o conhecimento, são perfeitos, são criadores, são, em suma, deuses. O segundo grau de glória, a *glória terrestial*, destina-se aos que, muito embora justos, “não receberam o testemunho de Jesus na carne, mas receberam depois”. (D. e C. 76:74) O terceiro grau de glória, a *glória celestial*, é para os que não receberam o Evangelho mas que têm direito à salvação pela obra do Espírito Santo.

Neste plano, com exceção dos “*filhos da perdição*” — aqueles que ainda no *primeiro estado*, ou seja, na preexistência, teriam seguido a Lúcifer e não a Jesus — todos os homens terão direito à salvação pela superação do pecado mediante as obras, critério básico para a atribuição do grau de glória. Neste plano, ainda, a *Imortalidade*, dom de viver para sempre, é concedido a todos os homens através da Ressurreição. É preciso notar, a partir daqui, que para o Santo dos Últimos Dias, a “exaltação” que transcende a “salvação” e a “imortalidade” é a meta em função da qual origina-se uma ética pautada em normas de conduta austeras e utilitárias.

1.3. *Relações Homem-Igreja e Homem-Mundo*

Na doutrina mórmon as relações Homem-Igreja e Homem-Mundo emergem a partir da elaboração de uma ética cujo conteúdo está ligado a princípios acentuadamente rígidos e componentes marcantes utilitários expressos num discurso fundamentalmente normativo-repressivo.

A suprema importância atribuída à *família* evidencia-se a partir da fórmula segundo a qual “nenhum outro sucesso compensa o fracasso no lar”. (12) É no seio da instituição familiar que o *jovem mórmon* deve encontrar o ambiente propício ao desenvolvimento de uma personalidade sedimenta-

da em regras de conduta e de vida que frisam a *obrigatoriedade do casamento* como o único meio de evitar as punições divinas provenientes da transgressão à lei da castidade, como a única via à preservação da raça humana, como a pedra angular de relações que, transcendendo o tempo e o espaço, conduzem o homem e a mulher ao mais alto grau de glória, a "glória celestial".

Segundo a doutrina mórmon, a "exaltação" é inalcançável para aqueles que não contraem matrimônio, assim impedindo que inúmeros espíritos que se encontram à espera da aquisição de um corpo físico tenham sua oportunidade de habitar entre os homens. (13) Ocorre que, sendo o número de mulheres na Igreja superior ao número de homens e sendo desaconselhado o casamento exogâmico, a solução para o impasse criado viria através de uma revelação que Joseph Smith teria recebido em 1844 (D. e C. 132) e que revestia a *poligamia* de um aspecto sagrado não somente por ser "revelada" mas também porque, de sua prática, resultaria a possibilidade de "exaltação", para todas as mulheres e de aquisição de corpos, para os seres espirituais. Adotada, foi limitada aos que eram considerados dignos e economicamente capazes de arcar com o ônus de manutenção de mais de uma família.

O fato é que a adoção do casamento plural acirrou as tensões entre o grupo e a sociedade mais ampla. Em 1890 — quarenta e seis anos após sua instituição —, cedendo a pressões institucionais norte-americanas, os mórmons, então presididos por Wilford Woodruff, aboliram-no, invocando a "regra de fé" (14) que fala da obediência aos poderes constituídos. A inconformação de alguns dos praticantes, no que tange à proibição, resultou em cisão. Hoje, um grupo minoritário mantém a prática nos Estados Unidos, autoconsiderando-se o fiel seguidor de Joseph Smith e não atentando para a excomunhão de que é alvo por parte do grupo majoritário sediado em Salt Lake. (15)

Assim, o casamento em função da vida presente importa pouco, se desvinculado de sua condição de instrumento de "exaltação eterna" à qual aspiram as partes contratantes. Se celebrado no Templo, em concordância com a doutrina da eternidade do convênio, tem o poder de "*transformar os homens em deuses na eternidade*". O homem ou mulher, se celibatários, entram no mundo espiritual destituídos do direito ao crescimento eterno. Daí a preocupação por parte de lide-

rança da Igreja no sentido de impedir que os jovens negligenciem o casamento. Mas que este seja *endogâmico*. E que tenham em mente aqueles que casam fora da Igreja a perpetuação da separação após a morte: o conflito de lealdade que surgirá face a divisão interior relativa ao comprometimento com a doutrina e modo de vida mórmon, por um lado; por outro, com os ajustamentos ligados ao cônjuge e que solapam o treino religioso impedindo a unidade familiar. Permanecendo no mundo espiritual as mesmas relações e graus de parentesco vigentes na terra, é de primordial importância que se evite a separação que advirá nesta vida ou na eternidade em conseqüência, quer da não comunhão de crenças, quer das condições de inacessibilidade ao mesmo grau de "glória celestial".

O matrimônio destina-se à preservação da espécie. Os filhos, considerados dádivas de Deus, completam e dignificam o casamento. Uma prole numerosa é aconselhada. Os casais que tendam a impedir ou restringir o nascimento de filhos são acusados de iniquidade e convivência com uma prática pecaminosa que assume as proporções de um crime.

Os argumentos dos defensores do controle de natalidade são vistos como típicos de uma época antifamília, manipulados por uma sociedade ineficientemente organizada que transfere para a população em si problemas gerados por um sistema social que não se coaduna com os ideais de vida dos "Santos dos Últimos Dias" — S.U.D. Ideais que constituem um sistema de valores que estabelece prioridades a partir de uma visão que coloca a vida sobre a terra, a aquisição de um corpo físico, na categoria de um passo em uma marcha eterna, sem a qual terá sido roubada aos espíritos a oportunidade de aperfeiçoamento concedida pela existência temporal. Assim, os que violam o propósito do casamento, controlando a natalidade, serão punidos, não lhes sendo concedidas as bênçãos do progresso eterno.

Eterno é o casamento, eterna é a organização familiar. Os filhos cujos pais foram casados no Templo, para o tempo e a eternidade, a eles permanecem ligados e juntamente com eles serão "exaltados".

Essência do sistema de vida mórmon, a disciplina familiar repousa sobre a *ordem patriarcal riosamente cultivada*. Na condição de autoridade presidente e nortador do sacerdócio, o chefe da família é ensinado a zelar pela preservação da lei e da ordem no lar, estando tal preservação

na dependência da aquisição de uma atitude que atente para o trabalho como condição básica de bem-estar pessoal e familiar; e de uma conduta que propicie eficiente administração dos bens materiais e o não esquecimento de princípios éticos consoantes com a responsabilidade de "mordomo do Senhor".

O lar, no cotidiano da existência, deve corresponder à negação das opiniões do mundo, quando estiverem elas ligadas às idéias de emancipação, liberdade sexual, controle da natalidade, aborto; deve possibilitar a aquisição de uma conduta pautada na disciplina, no amor ao trabalho, na parcimônia, na moderação, na pureza.

BRIGHAM YOUNG

2º Presidente da Igreja

"Jamais permitais que algo seja desperdiçado. Sede prudentes, *poupei tudo o que puderdes...*"

"*Se quiserdes enriquecer, poupei tudo o que obtiverdes. Qualquer tolo pode poupá-lo e tirar o maior proveito dele.*"

"Ó santos dos últimos dias, aprendei a sustentar-vos, produzi tudo o de que necessitais para comer, beber ou vestir; e se não puderdes obter tudo o que desejais, *aprendei a passar sem o que não podeis comprar e pagar*, sujeitando vossa mente, de modo que possais viver dentro dos vossos próprios recursos."

"Se um homem vier morar no meio desse povo e trazer dinheiro, que o use para embelezar sua herança em Sião, *umentando seu capital através de sábia aplicação*. Que ele estabeleça uma grande fazenda, abasteça-a de tudo o que é necessário, e fortifique-a com uma cerca boa e eficiente. Para quê? Para *aplicar seu dinheiro*. Que ele plante pastagens, adorne sua propriedade com árvores e construa nela sua casa. O dinheiro que assim foi gasto, através de uma aplicação sábia e prudente, encontra-se num estado em que pode *multiplicar cem vezes mais.*" (G. N.)

J. F. SMITH

10º Presidente da Igreja

“Prossigamos, como um povo, sendo diferentes do mundo neste aspecto. Espero que os santos sempre sejam *um povo dono de suas próprias casas, e não errante, sublocatário e pensionistas.*”

“Para os santos, não é uma questão de decidir se é mais lucrativo comprar a casa ou pagar aluguel. *É um assunto de importância vital para a posição e força que, no futuro, poderemos desfrutar numa terra que segundo todas as leis, normas de equidade, nos pertence.*”

“*Todo jovem deve ter a ambição de ser o proprietário da casa onde mora. É melhor para ele, para a família, para a sociedade, para o Estado, e para a Igreja. Nada gera mais estabilidade, força, poder, patriotismo, fidelidade ao país e a Deus...*”
(G.N.)

SUGESTÕES

1. Ensine aos membros da família, logo cedo, a importância do *trabalho* e do *salário*.
2. Ensine as crianças a tomarem decisões concernentes ao *dinheiro*, de acordo com sua capacidade de entendimento.
3. Ensine aos membros da família a contribuírem para o *bem-estar geral da família*.
4. Ensine aos membros da família a *saldar pontualmente* as obrigações; faz parte do desenvolvimento da *honestidade e integridade*.
5. Aprenda a controlar o *dinheiro* antes de o dinheiro controlar você.
6. Aprenda *autodisciplina* e *autodomínio* nos assuntos monetários.
7. Faça um orçamento.
8. Faça da educação um *processo contínuo*.
9. Procure adquirir *casa própria*.
10. Participe de um *programa de seguro* apropriado.
11. Procure *entender e enfrentar a inflação* existente.
12. Dedique-se a um *programa de armazenamento de gêneros alimentícios*. (G.N.)

Em tal conjuntura, à mulher é atribuído o papel de companheira submissa na condição de "rainha do lar".

Reiterando constantemente a importância de unidade familiar, a santidade do convênio matrimonial, os mórmons colocam-se doutrinariamente contra o divórcio. Aceitam-no, todavia, em casos considerados extremos: infidelidade e violência física. Também aceitam as uniões subseqüentes, desde que seja o membro considerado digno e merecedor de uma nova oportunidade. E se os litigantes foram casados no Templo (16), ao Presidente da Igreja compete o cancelamento da união. Cancelamento sancionado pelo Senhor, frisam, porque efetuado por aquele que, na terra, *retém* as chaves do poder e autoridade do sacerdócio. (17)

A rigidez com que se preserva a hierarquia familiar, o *status* atribuído à mulher, o estímulo à prole numerosa, são traços que permitem a colocação da família mórmon na categoria tradicional-patriarcal. E nos remetem a textos indicativos, quer dos valores enfatizados, quer das relações de complementaridade entre os vários níveis da realidade mórmon.

2. A Ética Mórmon

2.1. Valores Enfatizados:

Trabalho, Austeridade e Família (seme'hança com a ética protestante analisada por Weber).

Tomando como ponto de partida para a análise da cultura mórmon, no que concerne à sua visão de mundo, trechos de *discursos de Brigham Young e de Joseph Fielding Smith* (18), Presidente da Igreja nos períodos correspondentes a 1844-1877 e 1970-1972, procedamos ao confronto dos mesmos com as *Doze Sugestões Para a Melhoria da Administração Financeira, Pessoal e Familiar*, (19), propostas ao SUD, na Sessão de Bem-Estar de Conferência Geral de abril de 1975, pelo Élder Marvin J. Ashton.

Da transcrição longa, porém necessária ao confronto, capta-se a ética mórmon, emergente nos discursos de Brigham Young, retificada nos discursos de J. F. Smith e consolidada no Programa de Bem-Estar (20) atualmente em execução e que faz *da educação básica para adultos e crianças, do desenvolvimento vocacional, da administração financeira a partir do estabelecimento de prioridades* — salário suficien-

te para o sustento da família, planejamento do orçamento, produção e armazenamento doméstico —, da *saúde* — preservada pelo cultivo de prática dietéticas, de exercícios físicos, de moderação, de treinamento de primeiros socorros — e do *fortalecimento espiritual* através do autodomínio, os traços característicos do *projeto de vida elaborado*.

Correspondendo-se entre si, os textos explicam a racionalidade do comportamento dos fiéis. Os *primeiros conversos mórmons* procediam “das fábricas e minas da Grã-Bretanha, das indústrias de pesca e granjas leiteiras da Escandinávia, das oficinas da Alemanha, dos vinhedos franceses e italianos”. Formando colônias, com base no interesse comunitário, desenvolviam o trabalho de lavradores, criadores de gado, ferreiros, através de um plano de cooperação que visava a conquista de um melhor padrão de vida. (21) Hoje, orgulham-se os mórmons de sua contribuição à colonização e construção da Nação norte-americana. Pelo estímulo ao trabalho, à sobriedade, à cooperação, construíram uma comunidade de economia estável, possuidora de indústrias, visa manter afastados da caridade pública os membros em dificuldades financeiras pela prestação de serviços à própria Igreja. Orulham-se, igualmente, das estatísticas que apresentam o excesso de nascimentos sobre o de mortes, o reduzido número de nascimentos ilegítimos, a alta taxa de casamentos e a baixa taxa de divórcios, a reduzida insanidade mental, a colocação do Estado de Utah como o primeiro nos empreendimentos educacionais e, nele, a Igreja Mórmon como a mais rica e poderosa organização. (22)

Tudo isso ilustra a ética elaborada e que resulta no “uso da riqueza para fins necessários, práticos e úteis”. (23) Já que “exaltação” depende de obras, voltam-se os fiéis para a realidade do cotidiano, buscando a auto-suficiência como o recurso básico para o desfrutar das bênçãos correspondentes ao “estado de exaltação”.

O projeto de vida elaborado é austero. Elege como valores centrais a autodisciplina, o metódico planejamento, a integridade, a temperança, a previdência, a relação indivíduo-família, todos geradores de uma situação de autonomia que o mórmon é instado a procurar. Revela-se, neste ponto, a ênfase dada ao trabalho. Somente o *esforço individual* — ação — assegura a independência, com a capacidade de poupança e a recusa da posição de tutelado, seja do Governo, da Igreja ou de qualquer outra instituição. Demonstra

o grau de convicção do fiel, na medida em que o êxito obtido é interpretado como correspondente à observância dos princípios religiosos. Daí resulta uma planificação de vida em que o *com que viver* e o *porque viver* imbricam-se numa relação de complementaridade. Contextualmente, o componente básico a ser extraído é o ascético-racional.

O modo de vida proposto e motivado pelo mormonismo configura uma ética que se nos apresenta extremamente próxima da protestante e nos provoca questões como:

- Até que ponto, independentemente de uma diferente dogmática teológica, as máximas éticas do mormonismo são semelhantes às do protestantismo analisadas por Max Weber?
- Que correlações podem ser estabelecidas tomando-se por base o comportamento moral determinado pelo mormonismo?
- Que elementos de identidade podem ser identificados no confronto entre ambos?

A conduta moral determinada pelo mormonismo encontra seu ponto de partida no estabelecimento de padrões que visam o *combate ao pecado*, definido como tudo o que ofende a lei de Deus, através de uma rigorosa observância dos princípios religiosos — supervisionada pelos pais, no lar e pelas organizações auxiliares da Igreja — e que se manifesta ao nível de uma vida cuidadosamente planejada e metodicamente orientada.

Vimos, nas páginas precedentes, que o alvo para o qual se dirige a vida do mórmon é a "exaltação". Mas o acesso ao "reino celestial", morada dos "exaltados", tem exigências que implicam um modo de vida no qual fé e obras aparecem numa relação de interdependência.

O trabalho e a riqueza por ele gerada é o meio que se ajusta ao fim. O ocioso, o fracassado, nunca será um "exaltado." (24) Somente o trabalho promove a independência. Esta a auto-suficiência que se faz acompanhar do auto-respeito. Os três, frutos de uma rigorosa "organização de vida, pela divisão e coordenação das diversas atividades (...) com vistas à maior eficácia e rendimento". (25) Frutos de um acentuado racionalismo que faz, concomitantemente, da crescente conquista de si mesmo a condição básica para aquisição de uma conduta que, tornando diferente do mundo

— nele estando e atuando — o membro da Igreja, faz residir justamente nessa diferença sua condição de privilegiado.

Dentro desse espírito, a educação — com sua dimensão técnica — é enfatizada como instrumento de crescente domínio sobre as condições ambientais; a educação integral, como economia de forças — por conduzir ao desenvolvimento dirigido das potencialidades — e agente de promoção social e espiritual. É colocada na categoria de processo contínuo em função da própria teologia mórmon: já que o homem será amanhã como Deus é hoje, não pode cessar de ganhar conhecimento.

Daí decorre uma concepção de vida que pode ser resumida na fórmula: “as primeiras coisas em primeiro lugar”.

E o que, para o mórmon, deve vir em primeiro lugar?

A prosperidade é uma meta perseguida como um dever que se busca cumprir. Adquirida, reveste-se das características de um compromisso assumido com “seu real proprietário: Deus”.

Torna-se símbolo de uma ética de vida que se mantém enquanto pautada nas motivações e crenças religiosas que atribuem ao trabalho um poder sobre as coisas — mediante os resultados práticos do sucesso pessoal e familiar — ao tempo em que o qualifica moralmente (26) como instrumento de salvação temporal e espiritual.

A consideração ética que permeia a ação do fiel induzido a executar o trabalho na condição de administrador dos bens do Senhor, corresponde, na prática, a um *ascetismo racional* na medida em que conhecimento e domínio de si mesmo estão na doutrina mórmon, diretamente ligados à supremacia da vontade; esta, à autodisciplina que requer, por seu turno, um atuar no mundo descomprometido com os valores do mesmo.

Do conceito de indolência que não se restringe à falta de coragem para o trabalho físico, mas que se estende à incapacidade no cumprimento dos preceitos morais, resulta uma educação ascética até o ponto em que faz da autodisciplina, do autocontrole, da “crucificação da carne” os seus elementos condutores. Resulta, também, uma educação eminentemente utilitária, enquanto incentivadora de uma ação prática, quer ao nível da escolha de uma profissão que faculte o eficaz atendimento das necessidades básicas, quer ao nível de uma planificação de vida que motive e condicione o sucesso nos empreendimentos e o êxito profissional inalcan-

çáveis para aquele que não se submete ao exercício do querer; ao trabalho como princípio governante e veículo para a "exaltação". Como instava em seus discursos J. F. Smith:

"Desejo dizer novamente que eu ficaria satisfeito de ver mais dos nossos jovens aprendendo ofícios, ao invés de tentarem aprender profissões. Preferiria que um homem se tornasse um bom mecânico de advogado ou médico, ou outras profissões. Preferiria que um homem se tornasse um bom mecânico, um bom construtor, maquinista, agrimensor, fazendeiro, ferreiro ou um bom operário, do que vê-lo seguir essas outras profissões.

Não importa quão ricos os santos dos últimos dias se tornem, se quiserem honrar sua condição de membros da Igreja, ensinarão aos filhos a *dignidade do trabalho* e quão importante é ser prático nos deveres e responsabilidades da vida. A fé em Jesus Cristo é importante e essencial, mas deve ser uma fé viva leve o homem a trabalhar pela sua própria salvação, e a ajudar o próximo a fazer o mesmo." (27) (G. N.)

Nesse contexto, não há lugar para a caridade como paternalismo e dependência; mas, sim, como ajuda mútua que se constitui *no receber hoje para devolver amanhã*. Assim, o membro em dificuldade financeira, desde que dizimista, tem o direito de solicitar o auxílio da Igreja. Mas não o de se colocar na posição de tutelado. Ao invés, deve receber a doação tendo em mente a obrigação de restituí-la com o seu próprio trabalho (D. e C. 42:42; 68:30; 75:29). O recebimento passivo da ajuda material humilha e apequena o homem instilando-lhe sentimentos de autocomiseração e dependência, absolutamente incompatíveis com a ética mórmon que alça ao nível dos valores mais nobres a prosperidade e auto-suficiência alcançadas mediante a industriiosidade. (28)

É, portanto, como "empresa racional" que tem sentido a caridade. (29)

De um *sistema de valores* que inclui a diligência no trabalho, a temperança, o autodomínio como fatores de sucesso nos empreendimentos, que tem como eixo uma nítida vinculação entre necessidades materiais e espirituais e a confiança na eficácia dos esforços humanos, que faz girar a

vida em torno da aspiração à "exaltação", *emerge uma ética* de vida que, não obstante originar um comportamento austero-repressivo, encontra, paradoxalmente, sua justificativa num discurso escatológico profuso em esperança e otimismo a partir de uma teologia que apresenta Deus em permanente estado de evolução e acena ao homem com a possibilidade de vir a ser como Ele é. Uma teologia que apresenta a "lei do progresso eterno" como a mola propulsora da *participação criadora* do homem visto, simultaneamente, como ser criado e agente criador.

Dessa forma, ascetismo e racionalismo combinam-se na busca da solução a uma situação problemática porque vinculada a um universo de significação que, entremeando ação-homem, criador do mundo — com aspirações transcendentes — homem, criatura de mundo — resolvem-na, na medida em que estabelecem as bases para uma ação eminentemente prática e utilitária. Na medida em que não delimitam a *relação entre o homem e Deus*, mas vêem-na como a essência de um programa conjunto, cooperativamente desenvolvido, com vistas ao "progresso eterno".

Para o mórmon, a "exaltação" é a própria culminância do progresso. É a aspiração primeira e última que incorpora um projeto de vida basicamente estruturado em torno de uma racionalidade econômica. É a motivação mais profunda para a concordância com rígidos preceitos morais. É o elemento em torno do qual fé e obras encontram-se, sintetizam-se, eternizam-se.

Não estão nessa aspiração e nos recursos indicados para o seu reconhecimento e domínio, a semelhança, a correlação e mesmo a identidade entre a ética protestante e a ética mórmon?

2.2. *A práxis dos Mórmons: Estilo de Vida, Socialização, Cerimonial*

Os mórmons frisam reiteradamente que sua filosofia de vida nada possui de acetismo. Todavia, será isto que se depreende da análise dos textos relativos ao *comportamento* proposto por sua ética? Será isto que se depreende da *sociação* enquanto produto de sua acepção? Será isto que se deduz das "*disposições*" que gera e das "*motivações*" que suscita (30)? Contrariamente, a dimensão básica de seu cerimo-

nia, a nível interno e externo, não comporta a combinação de elementos ascético-rationais?

Os padrões que têm por alvo "O Vigor da Juventude" (31), expressam a preocupação com a observância de tradicionais regras de moralidade que envolvem, desde os *trajes* — que devem atentar para os critérios da feminilidade e masculinidade — à *aparência* — que deve ser imaculadamente limpa — aos *entretenimentos* — que devem ser puros e sóbrios — às *manifestações de afeto entre os jovens* — que não devem pôr em perigo a castidade — à *moderação* ao falar, ao dançar, ao participar.

A rigidez da moral expressa nestes padrões revela-se em toda a sua dimensão quando doutrinariamente ratificada:

"Quão humilhante não deve ser para um homem inteligente sentir-se escravo dos seus apetites, ou de um vaidoso e torpe hábito, desejo ou paixão: *Acreditamos na mais sincera temperança, na abstinência* de todos os hábitos vis e do uso de todas as coisas prejudiciais (...).

Homem nenhum pode sentir-se tranqüilo, a menos que seja senhor de si mesmo; e não há tirano mais impiedoso ou que deva ser mais temido do que um desejo ou paixão incontrôável. Se dermos lugar aos *apetites da carne* e os seguirmos, iremos descobrir que o fim será invariavelmente amargo, nocivo e lamentável, tanto para a pessoa como para a sociedade.

(...) A rejeição desses apetites — a *crucificação da carne*, por assim dizer — e a aspiração por algo nobre, sempre que possível fazendo o bem a nossos semelhantes, tendo esperança no futuro, ajuntando tesouros no céu (...) todas essas coisas trarão felicidade eterna; felicidade para este mundo e para o futuro. (32) (G. N.)

A mortificação das paixões, o absoluto domínio dos impulsos, a colocação da prática do sexo fora do casamento na categoria do "mais grave pecado depois do assassinato", supõe um modo de vida que encontra na meticolosa planificação voltada para o "isto eu farei" e o "isto não farei" (33) a base de um férreo ideal de moralidade sexual. Conforme frisa Spencer W. Kimball, 12º e atual Presidente

da Igreja, retificando o pensamento de Heber J. Grant, 7º Presidente:

(...) “Não há sequer um Santo dos últimos dias que não prefira sepultar um filho ou filha, do que vê-lo ou vê-la perder a castidade — sabendo que a castidade tem mais valor do que qualquer outra coisa no mundo. (34)

Nesse contexto, compete à Associação de Melhoramentos Mútuos de Rapazes e Moças — A.M.M. — no *campo educacional*, a promoção de conferências, concursos e debates; no *campo religioso*, o cultivo do fortalecimento do testemunho; no *campo social*, a promoção e supervisão dos entretenimentos, que, frizam, não devem se transformar num hábito pelo perigo de encorajamento à frivolidade. Devem estar em consonância com o espírito religioso, ser veículo de consideração pelas coisas sagradas e da vitória sobre a concupiscência.

“A Palavra de Sabedoria”, revelação que Joseph Smith teria recebido em 1833 (D. e C., 89), é invocada como código de saúde e como código de vida. O uso do fumo, do álcool, do chá, do café, constitui, assim, recusa ao cumprimento deste código e instrumento de excitação de paixões e diminuição da resistência moral. O preventivo é então a supremacia da vontade, o autodomínio, o ser senhor de si mesmo. A partir daí, forja-se um *estilo de vida* ascético-racional supervisionado pelas Organizações Auxiliares — Escola Dominical, Sociedade de Socorro, Associação de Melhoramentos Mútuos, Primária; consagrado pela *educação* que, permeada pelo princípio da autoridade, orienta as novas gerações estimulando-as quanto ao desenvolvimento de atributos físicos, intelectuais e morais (35), compatíveis com o eixo em torno do qual gira o mormonismo; *salvação temporal* — pureza individual, aprimoramento intelectual, sucesso no lar e nos empreendimentos — como veículo para a *exaltação*.

Do trabalho conjunto dos pais no *lar* e dos professores na *escola dominical* e *primária* devem emergir personalidades que constituam em si mesmas a essência do mormonismo; que sejam exatamente como a Igreja quer que elas sejam.

O objetivo das nossas Escolas Dominicais e das Escolas da Igreja, o grande, o objetivo principal, é o de ensinar a verdade aos nossos filhos; ensiná-los a serem honrados, puros, virtuosos, honestos e retos e capacitá-los, por *nosso conselho e advertência, e pela proteção* que lhes dispensamos até que alcancem os anos de responsabilidade e *se tornem cidadãos* respeitados, bons, puros, virtuosos e íntegros entre a humanidade e que sejam dignos de entrar na casa de Deus e não se sintam envergonhados de si mesmos na presença dos anjos, se estes forem visitá-los. (36) (G. N.)

Portanto, lemas do tipo: "A glória de Deus é a inteligência" (D. e C. 93:36), "É impossível ao homem ser salvo em ignorância" (D. e C. 130:18), "Qualquer princípio de inteligência que alcançarmos nesta vida surgirá conosco na ressurreição" (D. e C. 131:6) envolvem, mais que o ativo exercício das funções mentais, mais que a instrução escolar, a inculcação, nos jovens, dos valores mórmons que colocam a "plenitude de glória no reino celestial" — exaltação — na categoria de fim primeiro e último da tarefa educativa. É a partir daí que o *progresso* surge enquanto princípio ético norteador da caminhada para a "exaltação". A educação secular, colocada ao nível dos fundamentos religiosos que vêm no *trabalho*, a própria construção de Deus é então buscada como agente propiciador de uma ação humana que, se crescentemente eficaz ao nível das necessidades práticas do cotidiano, confere ao homem o poder; o poder de, paralelamente ao domínio do mundo, pelo desenvolvimento da ciência e da técnica, situar sua relação com Deus em um universo dentro do qual a contemplação não aparece como essencial. Como essenciais, sim, as virtudes perseguidas — temperança, autodomínio, prosperidade, pureza — e que, alcançadas, realçam a identidade Homem-Deus teologicamente enfatizada pelo princípio de que "como Deus é hoje o homem será amanhã, vez que nunca cessará de ganhar conhecimento".

No âmbito do *cerimonial* vamos encontrar a reiteração dos componentes normativos-repressivos, seja no aspecto interno, seja no aspecto externo — formas pelas quais as reuniões são conduzidas. E, pelo que foi visto, capta-se o significado de que se reveste o *cerimonial*, nas *disposições* que

suscita e nas *motivações* que engendra ao formular “conceitos de uma ordem de existência” (37), voltados para uma realidade cujo transcendentalismo emerge a partir da própria ação humana alicerçada no querer e no poder, com vistas à conquista de si mesmo, pelo exercício da vontade; emerge do aqui e do agora, pelo significado espiritual atribuído à atividade secular. Assim é que as principais reuniões — a Reunião Familiar, a Escola Dominical, Reunião de Testemunhos, a Reunião Sacramental — ao tempo em que assumem a função de ritual religioso, privilegiam em sua representação as disposições para o agir em conformidade com um projeto de vida para o qual o homem tanto mais se torna apto, quanto mais enfrenta com êxito a *situação-limite do com que viver*, na qual o *porque viver* surge permeado de racionalidade ascética enquanto vontade coordenadora da conquista do mundo e de si mesmo, mediante exercícios de subordinação à doutrina e de luta contra o mundanismo entendido como a livre expressão dos impulsos eróticos.

De maneira que a *Reunião Familiar* (38), para a qual reserva-se a noite das segundas-feiras, tem um caráter doutrinário-recreativo. Visa o fortalecimento da unidade da família e o estímulo à vivência dos princípios diretivos. É planejada de forma a comportar tempo para aula e tempo para lazer. Iniciada e concluída com um hino e uma oração, sob a presidência do chefe da família, em consonância com o sistema patriarcal, reflete a mesma a própria substância da religião ao se fazer veículo dos seus dogmas, prescrições e organização.

A *Escola Dominical* opera na condição de transmissora sistemática de doutrina. Precedem à aula um cântico, uma oração, dois pequenos discursos — dois minutos e meio — anúncios, bênção e distribuição do sacramento, após o que são separadas as classes por grupos de idade. Transcorrem as aulas ao longo de quarenta e cinco minutos. Os cursos, montados pelas equipes responsáveis pelo sistema educacional da Igreja, enfatizam, simultaneamente, a “veracidade do Evangelho Restaurado” e a observância dos padrões de comportamentos propostos.

A cada primeiro domingo do mês a aula é precedida pela *Reunião de Testemunhos* na qual os membros expressam, alternativamente, os motivos da adesão e os seus efeitos. A emoção de que se faz acompanhar cada testemunho é somente revelada pelo mau disfarçado tremor das mãos ou

pelo incontido marejar de lágrimas. No mais, sobriedade e reverência são as palavras de ordem. (39)

A *Reunião Sacramental*, realizada aos domingos, à tarde ou à noite, inicia-se com os anúncios — que envolvem desde as decisões para toda a Igreja pelas Autoridades Gerais à programação da semana a nível local. A seguir, hino de louvor, primeira oração, hino sacramental, bênção e distribuição dos sacramentos — pão e água — dois discursos entremeados por um hino, último cântico, oração de encerramento, agradecimentos.

Observa-se nos discursos uma acentuada preocupação com o trabalho missionário, o crescimento e o fortalecimento da Igreja mediante a unidade familiar, a observância dos padrões morais, o pagamento do dízimo.

E volta o fiel à sua residência, pronto a iniciar uma semana predominantemente voltada para reuniões: Sociedade de Socorro para Senhoras, Associação de Melhoramentos Mútuos para Jovens, Primária para crianças, todas ratificadoras de um compromisso assumido que se revela num duplo sentido: de um lado, um comportamento orientado para uma ética de vida eminentemente prática (40) e, de outro, uma dependência com relação à autoridade de que a mesma se reveste ao atribuir às decisões do seu corpo de líderes a inquestionabilidade decorrente “do contato direto com Deus, do qual são produto”.

As Autoridades Gerais constantemente clamam contra o que é intolerável à vista do Senhor; contra a poluição da mente, corpo e de tudo o que nos circunda; contra a vulgaridade, a pilhagem, a mentira, o orgulho e a blasfêmia; contra a fornicação, o adultério, a homossexualidade e todos os abusos do poder sagrado de criar; contra o assassinato e tudo o que se lhe assemelha; contra toda a sorte de profanações. (41)

Fica mais uma vez definida a ética mórmon. A regra ideal de conduta mantém o compromisso com uma filosofia de vida que atribui ao livre exercício do querer o acesso ao poder na medida em que, pela observância dos padrões de crença, opta o fiel por uma forma de vida que faz do trabalho e da abstinência dos prazeres sensíveis o preventivo contra todos os males. É assim que o presente assume uma

dupla dimensão: revela o que o homem fez de si mesmo — por sua atual condição de vida — e determina o que ele fará de si mesmo por sua capacidade de auto-afirmação no mundo que o circunda e que é medida pelo êxito individual.

A questão que se coloca, então, é a do grau de liberdade. Ela existe, de fato, em um universo tão rigidamente elaborado? Ela existe enquanto libertação da mente face às angústias existenciais? Ele comporta dúvidas? Ela confere a todos os membros, equitativamente, recursos para a luta na superação dos obstáculos? Ou ela relega a um segundo plano, ou mesmo esquece os fatores de ordem estrutural que bloqueiam o progresso individual, se por progresso entende-se uma condição global de vida? Se “ninguém pode ser salvo em ignorância”, conforme reza um dos preceitos mórmons, onde a salvação para os que não “recebem a verdade”, para os que não têm direito a conhecê-la, face às humilhantes condições de existência em que se encontram submersos e nas quais não penetram os “colaboradores de Deus”, por considerá-las próprias dos ociosos?

São questões que ficam sem resposta num trabalho cujo objeto centraliza-se em torno da questão racial. Mas que são pertinentes porque motivadas pelo projeto de vida que a Doutrina Mórmon incorpora. E porque descortinam a utilidade de uma investigação em profundidade por parte dos estudiosos das Ciências Humanas e da Filosofia.

REFERÊNCIAS

1. S. W. Kimball. “Revelação: A Palavra do Senhor aos Seus Profetas”. In: *Revista A Liahona*, outubro de 1977, págs. 76-78.
2. J. F. Smith. *Doutrina do Evangelho*, Cap. III, pág. 32.
3. Id. *Ibid.*, pág. 32.
4. Na doutrina mórmon, *preordenação* significa a designação para uma tarefa desde a *Preexistência*.
Preexistência: existência do espírito anterior ao estado mortal. Nela, os espíritos fazendo uso do seu livre-arbítrio, teriam aceito o chamado de Deus para vir à Terra, em determinada época e lugar, para ajudar, de forma específica, no processo criador. (Ver: J. E. Talmage *Regras de Fé*, págs. 178-182).
5. J. Smith. *Doutrina e Convênios*, seção 20.
J. F. Smith. *Doutrina do Evangelho*, cap. III.
6. J. F. Smith. *Doutrina da Salvação*, Vol. I, pág. 275.

7. Max Weber. *Economia e Sociedade*, pág. 882.
8. Id. *Ibid.*, pág. 716.
9. Cf. Cap. II, o quadro referente à organização geral da Igreja.
10. Joseph Smith. Op. Cit. Seções: 20:63; 26:2; 65; 28:13.
11. Le Grand Richards. *Uma obra Maravilhosa e um Assombro*. Cap. XVIII. Manual — *Princípios do Evangelho*. Págs. 289-290.
D. e C. 76:50; 113; 132:15/20.
Programa de Integração para Alunos — I. J. C. S. U. D.
12. Neste ponto, a linguagem que utilizamos é a do próprio grupo. Isto decorre da tentativa de “imersão empática” — expressão utilizada por Duglas Teixeira Monteiro — no universo pesquisado. Tentamos, com este procedimento, colocarmo-nos do ponto de vista do objeto para, daí, identificarmos seu espírito e captarmos sua realidade.
13. John A. Widtsoe (compilador). *Discursos de Brigham Young*. pág. 197. William E. Berret. *A Igreja Restaurada*. Cap. XXIII, págs. 195-197.
14. Ver em Anexos: *Manifesto* relativo à suspensão da prática e *Regras de Fé da I. J. C. S. U. D.*
15. “A Dura Vida dos pólígamos” — revista *Manchete*.
16. Na medida em que os templos são reservados apenas para os membros mais fiéis da Igreja, conforme frisa M. E. Peterson, no artigo “Por que os mórmons constroem templos”, revista *A Liahona*, de novembro de 1978, pág. 33 — às cerimônias templárias não têm acesso todos os membros. Assim, resta aos demais a alternativa de uma bênção na capela do Ramo ou Ala a que pertencem.
Sobre o trabalho realizado nos templos há uma vasta bibliografia. Para uma informação global, sugerimos a leitura do número especial da revista *A Liahona*, de novembro de 1978.
17. J. F. Smith. *Doutrina da Salvação*. Caps. IV e V. *Doutrina do Evangelho*. Cap. XVI.
18. John A. Widtsoe. Op. Cit. Págs. 292, 293, 313. J. F. Smith. *Doutrina do Evangelho*. Págs. 277-278, (J. Fielding Smith, sobrinho-neto do profeta fundador. Nascido em 1876, em 1906 assumiu as funções de historiador da Igreja. Em 1910 foi ordenado *Apóstolo*, e, em 1970, Presidente. Faleceu em 1972. Foi o terceiro Smith a responder pela Presidência da Organização).
19. In. *A Missão que Recebi do Senhor*. Pags. 191-194.
20. Revista *A Liahona*. Maio de 1978, págs. 43-45.
21. J. F. Smith. *Doutrina de Salvação*. Vol. III, cap. XVIII, págs. 353-363.
22. Le Grand Richards. Op. Cit., Cap. XXVI.
23. Max Weber. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Pág. 123.
24. J. F. Smith. *Doutrina do Evangelho*. Cap. X, pág. 187.
25. J. Freud. *Sociologia de Max Weber*. Pág. 19.
26. Max Weber. Op., Cit., pág. 54.
27. *Doutrina do Evangelho*. Cap. XIX, págs. 214, 314 e 321.

28. Id. Ibid. Cap. XII, págs. 209, 212, 216.
29. Max Weber. *Economia e Sociedade*. Pág. 254.
30. Geertz, analisando as "disposições" e "motivações" a que são induzidos os homens pela religião, as distingue, enfatizando que, enquanto as primeiras surgem circunstancialmente, sem responder a um fim específico, as segundas "têm um molde direcional"; são persistentes e significativas em relação aos fins. CF. "A Religião como Sistema Cultural". In: *A Interpretação das Culturas*. Cap. IV, págs. 109-112.
31. Págs. 3-16.
32. J. F. Smith: *Doutrinação do Evangelho*. Págs. 217, 224, 225.
33. S. W. Kimball. *O Milagre do Perdão*. Cap. XII, pág. 227.
34. Id. Ibid., Cap. V, pág. 66-80.
35. Emile Durkheim. *Educação e Sociologia*. Págs. 41.
36. J. F. Smith. Op. Cit. Pág. 353.
37. Clifford Geertz. Op. Cit., Pág. 112.
38. Dados colhidos no processo de observação participante.
39. As cerimônias realizadas no Templo, mesmo na condição de participante integral, não tivemos acesso. À parte o caráter sigiloso de que se revestem, a nossa condição de mulher solteira já se constituiria em real impedimento vez que, ao celibatário, não é permitido o ingresso no Templo. Isso limita a validade da afirmativa ligada à sobriedade enquanto componente do cerimonial ao tempo em que sugere um estudo sobre a situação da mulher solteira no universo religioso.
40. Ver no Cap. IV o relato dos testemunhos.
41. S. W. Kimball. "Os Falsos Deuses a Quem Adoramos". In: *Revista A Liahona*. Agosto de 1977, pág. 2.

A N E X O S

— I —

MANIFESTO CONTRA A PRÁTICA DO "CASAMENTO PLURAL"

Conferência Geral — Salt Lake City,
6 de outubro de 1980

Têm sido enviados de Salt Lake City, com propósitos políticos, despachos da imprensa, largamente publicados, alegando que a Comissão de Utah, no seu recente relatório ao Secretário do Interior, diz que casamentos plurais ainda estão sendo solenizados e que quarenta ou mais casamen-

tos foram contratados em Utah desde junho ou durante o ano findo, também que em discursos públicos os líderes da Igreja têm ensinado, encorajado e insistido na continuação da prática da poligamia.

Eu portanto, como Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, pela presente escritura, e da maneira mais solene, declaro serem falsas tais acusações. Nós não estamos ensinando poligamia ou casamento plural, nem permitido que qualquer pessoa o pratique, e nego que quarenta ou outro número qualquer de casamentos plurais hajam sido solenizados naquele dito período de tempo, em nossos Templos ou em qualquer outro lugar do Território.

Relatou-se um caso em que as partes declararam ter sido o casamento realizado na Casa de Investiduras, em Salt Lake City, na primavera de 1889, mas não fui capaz de descobrir quem realizou a cerimônia; o que foi feito nesse assunto foi sem o meu conhecimento. Em consequência dessa alegada ocorrência, a Casa de Investiduras foi, por minhas ordens, abolida sem demora.

Sendo que o Congresso passou leis em proibição ao casamento plural, as quais foram pronunciadas constitucionais pelo tribunal da Corte Suprema, eu, pela presente escritura, declaro a minha intenção de submeter-me àque'as leis, e de usar a minha influência com os membros da Igreja sobre a qual presido para fazer com que eles sejam da mesma maneira.

Não há nada nos meus ensinos à Igreja ou nos de meus colegas, durante o tempo especificado, que possa ser razoavelmente interpretado como que inculcando ou encorajando poligamia; e se qualquer Élder da Igreja usou de linguagem que parecia abranger tal ensino, o mesmo foi prontamente reprovado. E agora publicamente declaro que o meu conselho aos Santos dos Últimos Dias é que se abstenham de contratar casamento proibido pelas leis da terra.

Wilford Woodruff

FONTE: Descrições Históricas
Extratos Históricos e Biográficos relacionados com
Doutrina e Convênios.
Departamento de Seminários e Institutos de Religião
do Sistema Educacional da Igreja (págs. 147-148).

REGRAS DE FÉ DA IGREJA DE JESUS CRISTO
DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

1. Cremos em Deus, o Pai Eterno, e no Seu Filho Jesus Cristo, e no Espírito Santo.
2. Cremos que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados e não pela transgressão de Adão.
3. Cremos que por meio de Cristo toda a humanidade será salva pela obediência às leis e regras do Evangelho.
4. Cremos que os primeiros princípios e ordenanças do Evangelho são: 1º — Fé no Senhor Jesus Cristo; 2º — Arrependimento; 3º — Batismo por imersão, para remissão dos pecados; 4º — Imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.
5. Cremos que um homem deve ser chamado por Deus pela profecia e pela imposição das mãos, que possua autoridade para pregar o Evangelho e administrar suas ordenanças.
6. Cremos na mesma organização existente na Igreja Primitiva, isto é, apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas etc.
7. Cremos no dom das línguas, na profecia, na revelação, nas visões, na cura, na interpretação de línguas etc.
8. Cremos ser a Bíblia a palavra de Deus, o quanto seja correta sua tradução; cremos também ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus.
9. Cremos em tudo o que Deus tem revelado, em tudo o que Ele revela agora e cremos que Ele ainda revelará muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus.
10. Cremos na coligação literal de Israel e na restauração das Dez Tribos; que Sião será construída neste continente (o americano); que Cristo reinará pessoalmente sobre a Terra, a qual será renovada e receberá a sua glória paradisíaca.
11. Pretendemos o privilégio de adorar a Deus Todo-Poderoso de acordo com os ditames de nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem.

12. Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei.
13. Cremos em sermos honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos, e em fazer o bem a todos os homens; na realidade, podemos dizer que seguimos a admoestação de Paulo — Cremos em todas as coisas e confiamos em todas as coisas, temos suportado muitas coisas e confiamos na capacidade de tudo suportar. Se houver qualquer coisa virtuosa, amável ou louvável, nós a procuraremos.

FONTE: TALMAGE, J. E. — *Regras de Fé*.